

NOSTALGIA DA CONTINUIDADE: erotismo e pulsão de morte em Bataille e Freud

Bárbara de Barros Fonseca¹

RESUMO

Pretende-se neste artigo esboçar uma aproximação entre Freud e Bataille tendo por base principal os textos “Além do princípio do prazer” e “O Erotismo”. Essa afinidade entre ambos se daria a partir da nostalgia de uma continuidade primordial, expressa por Bataille nos momentos de êxtase, como a fusão erótica e o sacrifício; e por Freud pela pulsão de morte. A partir de uma breve apresentação da tópica presente em ambos, mostraremos como essa nostalgia de uma continuidade primordial se diferencia para os dois autores por suas perspectivas distintas quanto à morte. Finalmente, tentará se delinear uma espécie de ontologia que perpassará ambos os autores, pensando tanto a teoria das pulsões freudianas em sua disruptividade característica como o informe batailliano. Percorreremos também pelos conceitos de morte e vida nos autores, nos dando material para tentarmos esboçar as diferenças e aproximações ontológicas entre ambos.

Palavras-chave: principio do prazer; erotismo; Bataille; Freud; continuidade.

RÉSUMÉ

Cet article vise à décrire une approche entre Freud et Bataille fondée sur des textes primaires "Au-delà du principe de plaisir" et "L'érotisme". Cette affinité entre eux serait de la nostalgie d'une continuité fondamentale exprimée par Bataille dans les moments d'extase, de la fusion érotique et de sacrifice ; et la pulsion de mort de Freud. D'une brève présentation de l'application topique à la fois montrent comment cette nostalgie d'une continuité primal est différente pour les deux auteurs pour leurs différents points de vue à propos de la mort. Enfin, les tentatives de délimiter une sorte d 'ontologie de fil à travers les deux auteurs, en tenant compte à la fois la théorie freudienne des pulsions dans votre fonction disruptive que d'informe bataillan. Aussi, nous allons couvrir les concepts de la vie et la mort chez les auteurs, nous donnant des trucs pour essayer de décrire les différences entre les deux approches ontologiques.

Mots-clés: principe du plaisir; erotisme; Bataille; Freud; continuité.

¹Mestranda em Filosofia na Universidade Federal Fluminense – UFF.

Bataille e a fusão erótica:

A partir da perspectiva ontológica que pode ser subsumida da obra de Bataille segundo suas afirmações de que o ser é excesso do ser – como a formulação ontológica que é encontrada em “O Erotismo” de que “o ser é também o excesso do ser, acesso ao impossível” (BATAILLE, 1987, p163) onde o excesso é a instância central -, Bataille tece diversas considerações sobre o ser e sobre sua relação intrínseca com o excesso. Daí surgem as tópicas cruciais de seus estudos, no caso: as experiências de êxtase que se dão no sacrifício e no erotismo. Tentaremos aqui apresentar um relance do que são essas experiências interiores, com ênfase na fusão erótica, que demonstraria o maior flerte com a continuidade prévia à descontinuidade dos seres, mostrando a nostalgia primordial da continuidade a partir da dissolução das estruturas subjetivas que ocorre na fusão erótica, com a experiência da *petite-mort*.

Uma das primeiras similitudes com a obra freudiana que encontramos no modo de explicação dessa nostalgia é em um dos artifícios dos quais Bataille se utiliza para explicar a questão da continuidade e da descontinuidade dos seres e que é extensamente utilizado por Freud com a questão dos infusórios para dar plausibilidade à pulsão de morte, no caso, o argumento biológico. Nesse argumento, Bataille tentará explicar a relação da continuidade com a morte e o sexo a partir do âmbito da reprodução assexuada e dos gametas.

Na reprodução sexuada, os gametas – que são seres descontínuos - se fundem para estabelecer um novo ser a partir da morte dos dois anteriores, promovendo um instante de continuidade com essa união onde ambos são anulados frente ao aparecimento de um novo ser provindo da junção dos gametas

Em nossa origem, há passagens do contínuo ao descontínuo ou do descontínuo ao contínuo. Somos seres descontínuos, indivíduos que morrem isoladamente numa aventura ininteligível, mas temos a nostalgia da continuidade perdida (...) Ao mesmo tempo que temos o desejo angustiado da duração desse perecimento, temos a obsessão de uma continuidade primeira que nos une geralmente ao ser.(BATAILLE, 1987, p15)

Para demonstrar essa obsessão da continuidade primeira, Bataille nos fornecerá o conceito de experiência interior, onde ele demonstra como a estrutura subjetiva de cada ser individual é desmantelada frente à fusão dos seres nos momentos de êxtase que abrem ao arrebatamento do ser, explicitada por ele principalmente nas atividades do sacrifício e do sexo, onde os limites da individuação são transgredidos. Para podermos mostrar a relação da

atividade sexual com a nostalgia da continuidade imanente, faz-se necessário que mostremos primeiramente a íntima relação que esta mantém com o sacrifício, e a importância que a transgressão apresenta no domínio do sagrado.

A partir da imolação da vítima do sacrifício, o ser particular retorna à continuidade (imanência profusa que precede a individualidade) anterior à vida descontínua e particular e é conduzido ao “ilimitado e infinito que pertencem à esfera sagrada”, evidenciando uma elevação que ocorre ao homem frente à morte; a contemplação dessa morte espetacular nos revela o sagrado, e por mais que persistamos na nossa descontinuidade, a atenção frente a essa morte violenta do sacrifício nos fornece a experiência da continuidade.

Assim, a violência que provém da natureza e que é característica da continuidade dentro de seus fluxos orgânicos era contemplada no sacrifício a partir da presença do sangue ao jorrar, que, como ocorria no tabu do sangue menstrual e do parto, demonstrava a violência interior que também se apoderava de nós. “O sangue, os órgãos cheios de vida, não eram o que neles vê a anatomia: só uma experiência interior, não a ciência, poderia restituir o sentimento dos antigos.” (BATAILLE, 1987, p85). Ou seja, esses signos corporais são tidos dentro da experiência sacrificial de um modo que ultrapassa em muito a simples experiência científica objetiva, e expressam não apenas determinada composição corporal, mas são sim signos de uma natureza violenta que nos ultrapassa, mas que também nos constitui, dando uma sinalização dessa violência interna da natureza que nos anima e que é colocada em jogo na morte, onde essa desordem violenta nos domina inteiramente.

Outra coisa que se torna ostensiva na atividade sacrificial – e também na atividade erótica, já evidenciando o parentesco entre ambas – é a revelação da carne, que irrompe como ícone da violência que ultrapassa a razão. “A carne é em nós esse excesso que se opõe à lei da decência. A carne é o inimigo que nasce dos que são possuídos pelo interdito cristão” (BATAILLE, 1987, p86). A carne proveniente do sacrifício denotava a comunhão com a continuidade orgânica e simbolizava também a presença da morte na vida, e da vida na morte, pautando-se como um abre-alas à vertigem do ilimitado. No erotismo sexual, o elemento da carne se dá primeiramente na nudez que anuncia o momento de fusão, o instante de continuidade e de arrebatamento, precedendo a convulsão erótica. Ou seja, tanto no erotismo como no sacrifício, é apontado esse caráter convulsivo da carne, que substitui a ordem corporal pela desordem e denota a experiência interior da pleura, que é revelada tanto na

imolação do animal quanto na liberação dos órgãos pletóricos ocorrida na atividade erótica, onde eles são animados pela violência que escapa à razão.

Permanecendo nas similitudes entre ato erótico e sacrifício está a questão da náusea, que se mostraria presente tanto na antecedência do ato sexual como na do ato sacrificial. Ela cunhará a relação entre a morte e o sexo, e o desejo que é formado a partir dela, de tal modo que, dentro dessa dinâmica de contrários, “posso me dizer que a repugnância e o horror são o princípio de meu desejo, e é na medida em que seu objeto não abre em mim um vazio menos profundo que a morte, que eles movem esse desejo que originalmente é feito de seu contrário, o horror“ (BATAILLE, 1987, p56).

Assim, a náusea nos apresenta a aproximação na qual nos deteremos posteriormente entre vida e morte no fluxo da continuidade, que constituirá a dinâmica do excesso da natureza, onde a morte é condição da permanência da vida. Ela insurgirá enquanto signo dessa corrupção fétida da morte que é ainda condição elementar da vida, concepção que deriva da ideia da natureza que nos envergonha enquanto corrupção da decomposição da vida profusa que precede nossa individualidade descontínua.

O que é aberto tanto pela atividade erótica como pela experiência do sacrifício é o instante de continuidade do ser, que nos imerge na desordem elementar e nos permite escapar momentaneamente do nosso encarceramento da descontinuidade, que nos pauta como seres separados por abismos com experiências particulares que se mostram como empecilhos a uma comunicação plenamente satisfatória, como a morte individual, que só diz respeito a quem morre.

A própria morte é a instância maior em que se dá a continuidade, a continuidade completa do ser, com a qual a atividade erótica e a experiência do sacrifício flertam. Contudo, elas se mantêm no trecho limítrofe entre a segurança e a entrega completa, visto que a imersão completa na continuidade não permite a experiência descontínua de tal instante. As experiências do sacrifício e da atividade erótica não lançam o ser na continuidade da morte, mas perduram o ser na descontinuidade na qual ele se encontrava, perturbando-a a partir desse instante de continuidade. A violência da morte nos arranca totalmente da duração da descontinuidade, reduz a nada o indivíduo que se tinha e era tido como coisa, o priva da duração que é característica das coisas. A morte não pode ser inserida no mundo claro e coerente, ela escapa à ordenação do mundo das coisas.

Nostalgia da continuidade: erotismo e pulsão da morte em Bataille e Freud

Isto é, o ser se dá nesses movimentos da paixão, nesses instantes de flerte entre a vida e a morte, em que entrevemos no mundo da descontinuidade o ingresso da continuidade à qual ele é suscetível, figurado primordialmente na experiência erótica, que desvela essa relação de vida e morte, e nos ajuda a iluminar o fato de que a vida é acesso ao ser, “a vida é em sua essência um excesso, é a prodigalidade da vida” (BATAILLE, 1987, p80)

Desta forma, explicitando como esse acesso à continuidade excessiva se dá na atividade erótica, temos que “toda a concretização do erotismo tem por fim atingir o mais íntimo do ser, no ponto em que o coração nos falta. A passagem do estado normal ao de desejo erótico supõe em nós a dissolução relativa do ser constituído na ordem descontínua.” (BATAILLE, 1987, p17)

Mostra-se evidente, então, que se sucede na atividade erótica um movimento de destruição da estrutura do ser fechado e decorre daí uma violência frente à unidade fixa da particularidade do ser, nos expondo que essa dissolução das formas compostas que está em jogo no erotismo está estritamente relacionada a um fascínio pela morte, que seria o ápice dessa dissolução no mais alto grau.

Logo, alçamos a asserção canônica feita por Bataille, de que “do erotismo é possível dizer que ele é a aprovação da vida até na morte” (BATAILLE, 1987, p11). Essa afirmação nos parece demasiadamente antitética à primeira vista, mas ao decorrer de um tempo de avaliação, podemos ver como ela revela plenamente essa dinâmica entre vida – erotismo – morte, visto que o erotismo é a experiência em que, mesmo mantida sua descontinuidade, coloca o ser em jogo ao máximo para experienciar os instantes de continuidade, onde as estruturas do sujeito são dissolvidas frente os momentos de êxtase. O sujeito termina por imergir na indistinção da continuidade a partir da fusão com o outro ser, tendo sua individualidade diluída de tal modo que se aborda a morte de frente a partir da efêmera desagregação na continuidade, onde ocorre o máximo abraço ao excesso. “Essencialmente, o domínio do erotismo é o domínio da violência, o domínio da violação.” (BATAILLE, 1987, p16)

Bataille demonstra o ‘colocar o ser em questão’ e a ‘desordem’ ao constatar que:

O erotismo, eu o disse, é aos meus olhos o desequilíbrio em que o próprio ser se põe conscientemente em questão. Em certo sentido, o ser se perde objetivamente, mas nesse momento o indivíduo identifica-se com o objeto que se perde. Se for preciso, posso dizer que, no erotismo, EU me perco. (BATAILLE, 1987, p29)

O erotismo insurge então com esse arrebatamento, com esse deslocar à perda do sujeito a partir da desordem desestruturante que foge à razão em seus movimentos convulsivos. Esse excesso da atividade erótica que vai de encontro à morte denota até o paroxismo da desordem sexual, que curiosamente é denominado como “pequena morte” - *petite-mort* - deixando clara essa relação do ápice do gozo sexual com a morte, ambas sinaladas pelo instante da convulsão desestruturante do ser.

Porém, na *petite-mort*, o indivíduo sobreviverá ao excesso, diferentemente do instante que de fato precede a morte. De toda maneira, o excesso tem como consequência inevitável a morte. Porém, como já pudemos perceber alguns parágrafos acima, a morte é também convocada pelo excesso da vida – demandando-a para continuar em sua renovação profusa –, que nos deixa claro que:

há um terrível excesso do movimento que nos anima: o excesso ilumina o sentido do movimento. Mas isto é para nós apenas um signo monstruoso, a nos lembrar constantemente que a morte, ruptura dessa descontinuidade individual que a angústia nos prende, se nos propõe como uma verdade mais eminente que a vida. (BATAILLE, 1987, p18)

Temos então que, ao invés de uma concepção puramente devastadora, destrutiva e exterminadora, a morte é tida aqui como renovação do mundo, o que a coloca lado a lado com a vida, enquanto condição necessária desta, pois ao realizar a putrefação do que já consumiu, a morte confere nova matéria orgânica para a vida perdurar em seu fluxo. Assim, temos também a compreensão da vida para Bataille enquanto:

um movimento tumultuoso que se encaminha constantemente para a explosão. Mas se a explosão contínua não consegue esgotá-la, ela só prossegue sob uma condição: que entre os seres que ela gerou, aqueles cuja força de explosão está esgotada, cedam o lugar a novos seres, entrando no círculo com uma força nova.”(BATAILLE, 1987, p56)

Esse horror à morte que é recorrente a nós não se dá apenas pelo fim da descontinuidade do ser, mas também por essa característica da putrefação, que devolve à carne à fermentação geral da vida. A putrefação é justamente esse movimento do excesso da natureza, que retira a vida de um ser e assim a confere a outro, é a vida pululante que escapa a qualquer encarceramento em descontinuidades e sempre retorna para essa profusão da natureza. A morte anuncia e é condição do nascimento de outro ser, a vida é decomposição dela mesma, é purulência.

A vida exige esse desperdício, essa despesa suntuosa, esse movimento incessante de geração e aniquilação que perdura nesse fluxo orgânico da continuidade, onde, pensando

junto à noção da despesa (que é a concepção desenvolvida por Bataille onde o ponto máximo é o gasto improdutivo, contrário ao princípio da utilidade clássica), a vida se dá a esse luxo da destruição, onde demanda grande quantia de energia que excede o necessário para manter a vida, e destrói o que resta. Isso se perpetuará desde o movimento orgânico mais primordial até os nossos organismos, que perdem grandes quantidades de energia em comparação a um simples infusório.

Vemos assim que a vida é condenada ao movimento inútil, e que o excesso subjaz toda a vida. E, retornando ao parentesco entre erotismo e morte,

se vemos nos interditos essenciais a recusa que opõe o ser à natureza encarada como um excesso de energia viva e como uma orgia da destruição, não podemos mais diferenciar a morte da sexualidade. A sexualidade e a morte são apenas os momentos intensos de uma festa que a natureza celebra com a multidão inesgotável dos seres, uma e outra tendo o sentido do desperdício ilimitado que a natureza executa contra o desejo de durar que é próprio de cada ser. (BATAILLE, 1987, p58)

As formas de despesa convergem para essa dissolução, para essa imersão no informe da continuidade, onde tanto a experiência como a comunicação se darão de modo profundo, distintas da compreensão rotineira delas enquanto absortas numa finalidade de apreensão e transmissão de algo a ser conhecido, mas sim dentro do domínio do não-saber (que difere de todo conhecimento apreensível pela utilidade).

Enquanto estandartes dessa dissolução, a comunicação e a experiência interior irão se misturar como “água na água” e esboçar o ser que se dissolve em contato com o que é outro, com a fissura que lhe é característica e possibilita o ultrapassar de seus próprios limites. Essa abertura que é própria ao homem se dá a partir da insuficiência do eu, que vem sem origem nem fundamento e que aparece no mundo como pura improbabilidade excessiva. “*Il existe à la base de la vie humaine, un principe d’insuffisance. Isolément, chaque homme imagine les autres incapable ou indigne d’être*”².(BATAILLE, 1954, p97)

Compreendemos assim como tentamos escapar do isolamento, da nossa condição fechada a partir de nossa fissura ontológica, buscando essa fusão. Essa fusão “*cannot mean identification, nor can it signify a self-evident field of unity. Undoing the identity of unity and the unity of any identity, fusion and diffusion are indistinguishable without being the*

²“Existe à base da vida humana um princípio de insuficiência. Isoladamente, cada homem imagina os outros incapazes ou indignos de ser.”

same.”³(MITCHELL; WINFREE, 2009, p8). A fusão me traz outra existência, mas que vem a mim de modo diferente de uma unidade clara e distinta em que me imiscuirei.

Desse modo, vemos que nossa finitude nos joga ao abandono da experiência interior, e consiste no fato de que ser finito é ser incontido, pois não posso ser encarcerado. Assim, a comunicação realiza uma violação da integridade dos nossos corpos e opera uma expropriação do eu. “*Cast in terms of fusion, communication comes to name the indigestibility of the other, the persistence of the foreign at the heart of the same. If fusion brings the other ‘into me’, it must always be remembered that this ‘me’ is always already outside of itself.*”⁴(MITCHELL; WINFREE, 2009, p11)

Temos então a fissura ontológica do indivíduo que é explicada pelo “*excess that I am in my improbability, insufficiency and communication with others*”⁵(MITCHELL; WINFREE, 2009, p3), que denota esse desejo de alcançar o ser, de ultrapassar os limites da existência fechada e individual, que ocorre nessas experiências interiores do êxtase da atividade erótica e do sacrifício.

É o fato de a existência ser excessiva em si mesma que traz a comunicação como indispensável aos indivíduos, pois os seres precisam escapar e escoam para fora, em busca do outro. Com isso, a comunicação leva ao risco da dissolução completa do eu, já que nosso ser é lacerado, e os seus respectivos limites servem para fornecer a abertura para o fora – dada pela comunicação –, ato fundamental do excesso.

Assim, o ser vai de certo modo contra a identidade, visto que o ser é o excesso ao ser, que visa o acesso ao impossível e vai além de toda limitação, e o ser particular se contenta em fazer parte da existência total que tem caráter difuso. Essa constatação nos demonstra que a visão do ser isolado só é permitida pela instabilidade das ligações que existem nesses conjuntos, e que todo elemento pode entrar em um conjunto que o transcende.

O que nos aparece é que o eu só é liberado fora de si, e essa liberação exterior é totalmente relacionada com a constituição fissurada do ser e de sua insuficiência

³“não pode significar identificação, nem pode significar um campo de unidade autoevidente. Desfazendo a identidade da unidade e a unidade de qualquer identidade, fusão e difusão são indistinguíveis sem serem o mesmo.”

⁴“Colocada em termos de fusão, a comunicação vem nomear a indigestibilidade do outro, a persistência do estrangeiro no coração do mesmo. Se a fusão trazer o outro 'em mim', deve ser sempre lembrado que este 'mim' já é sempre fora de si mesmo.”

⁵“excesso que sou na minha improbabilidade, insuficiência e comunicação com os outros.”

Nostalgia da continuidade: erotismo e pulsão da morte em Bataille e Freud

característica, que a comunicação profunda permite ascender ao ser exterior. Então, o ser jogado no mundo vê que “*la Nature accouchant de l’homme était une mère mourante: elle donait l’ ‘être’ à celui dont la venue au monde fut sa propre mise à mort.*”⁶ (BATAILLE, 1954, p93)

Essa retomada da morte nos traz uma das formas de apreensão do ser dentro do âmbito da experiência interior, onde temos que é na falta de escapatória, que ocorre ao morrer, que percebo o dilaceramento que constitui minha natureza e pelo qual extrapolo o que existe. É assim que participo do que existe, ao me saber enquanto indivíduo de uma espécie e permanecer de acordo com uma realidade comum. O eu enquanto vivo presente essa vertigem da morte onde tudo estará terminado, prevendo o abandono do acordo que se dá pelo eu que morre, que percebe que seu redor é um vazio e vê ele mesmo como um desafio a esse vazio.

Temos então a ideia da dissolução do princípio de individuação, onde compreendemos a estrutura do ser não como fechada dentro do ser descontínuo e particular, mas a partir da existência enquanto comunicação, que traz a constituição labiríntica do ser, dada a partir do erro e da incerteza, e vemos que “*notre existence est tentative exasperée d’achever l’être (l’être achevé serait l’ipse devenu tout)*”⁷. (BATAILLE, 1954, p105)

Finalmente, depreendemos que a ideia da dissolução do princípio da individuação reside exatamente no domínio do excesso, em que o ser é excesso dele mesmo e não pode ser encarcerado em suas estruturas subjetivas, já que ele ultrapassa seus limites em direção ao exterior, numa busca incansável pela continuidade, que nos aparece nesses momentos da negatividade sem uso que não pode ser apropriada.

Agora vislumbraremos a concepção freudiana da pulsão de morte, para podermos fazer as considerações acerca das semelhanças e diferenças da “nostalgia da continuidade” nesses dois autores, enfatizando o papel da *petite-mort* e do próprio conceito de morte para cada um deles.

Freud e a pulsão de morte

⁶“a natureza ao dar a luz ao homem foi uma mãe moribunda: ela dava o 'ser' àquele cuja vinda ao mundo foi seu próprio jogar à morte.”

⁷“nossa existência é tentativa exasperada de chegar ao ser (o ser alcançado será a ipse tornada tudo)”

O conceito de pulsão de morte irá emergir na metapsicologia freudiana a partir da querela da compulsão à repetição, que nos traz certas situações em que o princípio de prazer – que era tido como regente da vida psíquica – não impera, como na neurose traumática de guerra, no jogo infantil do *fort-da* – que consiste na brincadeira que repete simbolicamente a partida da mãe -, no problema do masoquismo, nos sonhos traumáticos recorrentes e na resistência à análise.

Essas experiências indicam uma ordem de satisfação que se situa além do princípio de prazer, quase irradiando a estranha questão de um prazer paradoxal na dor. Essa compulsão à repetição abre espaço a algo que aparenta ser mais primitivo, elementar e instintual do que o princípio de prazer. Ao analisar tais dados, pode-se muito bem:

supor que na vida psíquica há realmente uma compulsão à repetição, que sobrepuja o princípio do prazer. Também nos inclinaremos a ligar a essa compulsão os sonhos das vítimas de neurose traumática e o impulso que leva as crianças a brincar. (FREUD, 2010, p135)

A compulsão à repetição nunca trouxe possibilidades para a realização do prazer, e essa vontade de se maltratar, presente no eu, se torna aparente aí, num masoquismo primordial. Tudo isso parecia ser totalmente gratuito, já que não estava respondendo nem ao princípio de prazer, nem ao de realidade, e essa compulsão à repetição até chegava a parecer ser motivada por algum poder demoníaco.

De tal modo que Freud começou sua busca por um segundo princípio para responder a essa necessidade suscitada por essa desagradável compulsão à repetição, um princípio que fosse disruptivo, desestabilizador e que levasse ao conflito e à desintegração. Assim, Freud levou o seu argumento do âmbito psicológico ao fundo de uma teoria biológica que pensava justamente nessa questão da morte, ao pensar em algum impulso autodestrutivo (ideia esta que ele rechaçava anteriormente na explicação da agressividade) que operaria em todas as substâncias orgânicas, e se caracterizaria enquanto uma força elementar, e contradizendo a teoria psicológica precedente, que seria mais primitiva que a própria pulsão erótica.

Assim, deu-se a necessidade da existência de uma pulsão primordial direcionada para a morte, a partir da divagação pautada na questão da compulsão à repetição e no papel que a memória aí exerce, onde Freud alcançou um ponto em que ele passou a entender essa compulsão à repetição enquanto um desejo de restauração a um estado prévio de coisas, a uma disposição anterior inanimada.

Para fornecer um apoio científico à hipótese da pulsão de morte, Freud partirá para um âmbito biológico, pretendendo explicar pelo viés da metapsicologia o âmbito econômico da energia no aparelho psíquico, e, ao relacionar isso com as teorias biológicas de sua época a que tem acesso, tornar mais plausível o peculiar conceito e a crucial importância da pulsão de morte.

Faz-se necessário recorrer à biologia para garantir a plausibilidade da tese de uma *prioridade ontológica* da morte sobre a vida, a partir da teoria que vincula o princípio do prazer à natureza regressiva do *pulsional*, manifestada nos fenômenos de compulsão à repetição; (...). (GIACCOIA, 2008 p65)

A pulsão de morte passa a ser tida como uma pulsão paradigmática das forças em geral, e as pulsões a serem compreendidas enquanto ansiantes por restaurar a vida orgânica a um estado anterior de coisas, por terem uma tendência conservativa.

Assim, ele se apoia na tese recapitulacionista da biologia (segundo a qual a ontogênese recapitula a filogênese), pensando a embriologia enquanto recapituladora da história desenvolvimental da espécie. Freud tenta estabelecer uma relação da compulsão à repetição com explicações biológicas, como a desova dos peixes e a migração das aves, que representariam uma recapitulação do que essas espécies realizavam antigamente. “Nos fenômenos da hereditariedade e nos fatos da embriologia estão as provas mais formidáveis de uma orgânica compulsão a repetir.” (FREUD, 2010, p148). Essa tese recapitulacionista se dá também no germe embrionário que é levado a recapitular estruturas de todas as formas das quais se originou, ao invés de apenas avançar à forma final.

Freud também se utilizará da especulação do infusório, que surge primordialmente para dar respaldo à ancestralidade do princípio de morte, mas também encontra percalços, visto que nem os biólogos conseguem concordar numa resposta quanto à questão da morte. Freud descreverá parcialmente as querelas biológicas quanto à morte, e ao se utilizar do exemplo dos infusórios, ele parte da tentativa de provar a imortalidade dos protozoários que existia por parte de biólogos ao mostrar como ele persistia frente à reprodução por fissão quase indefinidamente, onde o descendente era tão vivaz quanto seu antepassado e não apresentava degenerescência. Isso, contudo, ocorria por ser trocada a água em que o infusório se encontrava, impossibilitando-o de degenerar por conta de seus próprios produtos metabólicos; experiência que comprovará isso posteriormente mostra como estes morriam com os frutos de seu próprio metabolismo ao passar do tempo. Assim, Freud busca um

respaldo na biologia tentando mostrar que essa ciência não contradiz a pulsão de morte, já que as próprias substâncias mais simples parecem tender à morte se não houver influência externa.

De tal modo que Freud - para tentar dar plausibilidade à pulsão de morte enquanto retorno ao inanimado, e da pulsão de vida enquanto associadora e persistente - também usufruirá da teoria biológica que parte da análise da questão da existência de organismos elementares que sobreviveriam à totalidade do indivíduo, células germinais que trabalhariam contra a morte da substância e que apresentariam imortalidade em potencial com a fusão à célula similar e distinta dela.

As pulsões que cuidariam dessas células germinais persistentes ao indivíduo seriam as pulsões sexuais, as verdadeiras pulsões de vida. Essas pulsões (instintos)

são conservadores no mesmo sentido que os outros, ao trazerem de volta estados anteriores da substância viva, mas o são em medida maior, ao se revelarem peculiarmente resistentes aos influxos externos, e também num outro sentido ainda, pois conservam a vida mesma por períodos mais longos. (FREUD, 2010, p151)

Ele parte de Weissman com a ideia de que a parte mortal da substância é o soma, sujeito à morte natural, e de que as células germinais seriam potencialmente imortais, capazes de cercar-se em novo soma. Essa analogia, que se forma com a visão de Freud sobre as pulsões de vida e morte, relacionado ao retorno ao inanimado e à reprodução, se dissipa pois Weissman, só compreende isso em relação aos organismos multicelulares.

Nos organismos unicelulares, Weissman vê a soma enquanto o germinal, os dois como o mesmo, assim ambos enquanto um potencialmente imortal. Daí não se tira a mesma resposta que a de Freud, visto que a morte aqui não é tida como uma característica primitiva da substância viva, tornando-se apenas uma questão de adaptação ao externo, onde o primitivo seria a reprodução, em contraste com a pulsão de morte primordial e fundamental para Freud.

Assim, mesmo com os percalços da biologia, se dá a postulação da dualidade das pulsões, enquanto pulsão de vida e pulsão de morte, e temos que a vida não poderia ser explicada por apenas uma delas, mas sempre a partir da concorrência e da oposição das duas. Essa resposta dada por Freud à metafísica, no caso da psicanálise tendo como correspondente a metapsicologia, é o que confere à pulsão de morte seu lugar privilegiado dentro da teoria. Ela instauraria o conflito no coração do processo psíquico e estaria na posição em que diz que

“o verdadeiro objetivo da vida é morrer”, e que o curso da vida de todos os organismos é um circuito para a morte.

Para caracterizar melhor a pulsão, Freud diz que

Um instinto seria um impulso, presente em todo organismo vivo, tendente à restauração de um estado anterior, que esse ser vivo teve de abandonar por influência de perturbadoras forças externas, uma espécie de elasticidade orgânica ou, se quiserem, a expressão da inércia da vida orgânica. (FREUD, 2010, p147)

Se se mantêm a conservação de um estado anterior enquanto objetivo primordial, temos que o desenvolvimento deveria ser dado por perturbações externas à conservação, já que o desejo de mudar não estaria na entidade viva, visto que esta gostaria de repetir o mesmo curso de vida. As pulsões tentariam buscar essa restauração, e seriam erroneamente compreendidas enquanto perseguidoras de uma progressão ou desenvolvimento, pois só querem retornar ao lugar inicial do objetivo antigo de conservação do mesmo curso de vida.

Se é lícito aceitarmos, como experiência que não tem exceção, que todo ser vivo morre por razões internas, retorna ao estado inorgânico, então só podemos dizer que o objetivo de toda vida é a morte, e, retrospectivamente, que o inanimado existia antes que o vivente.” (FREUD, 2010, p149)

Esse surgimento da vida, dentro da explicação da teoria da pulsão de morte que visa a restauração do inanimado primevo, é explicado por uma perturbação da natureza no inanimado, a qual não sabemos a concepção. A substância inanimada queria neutralizar-se, e daí se dá o primeiro instinto, o de voltar ao estado inanimado. “Tais rodeios rumo à morte, fielmente seguidos pelos instintos conservadores, nos ofereceriam hoje o quadro dos fenômenos da vida.” (FREUD, 2010, p150). Tudo o que a vida apresentaria seria essa vontade de retornar a um estado inicial inanimado de seu próprio modo, ou seja, de morrer a sua maneira, pautando esse paradoxo do organismo, que dispende energia nessa luta por atingir a morte de seu modo, e não se deixa sucumbir frente ao meio mais rápido.

Surge também como necessária a análise da hipótese das pulsões de autoconservação, que nos aparentam ir contra toda a ideia do retorno ao inanimado. Pensando a partir do nosso viés, essas pulsões perdem significativamente a importância, passando a serem compreendidas como pulsões que proporcionam que a vida morra a seu próprio modo, possibilitando um retorno à existência inorgânica de modo imanente. “O que daí resta é que o organismo pretende morrer apenas a seu modo; tais guardiães da vida também foram, originalmente, guarda-costas da morte.” (FREUD, 2010, p150). De tal modo, as resistências que mantêm as repressões não possibilitam o simples retorno, o caminho retrospectivo que

levaria ao regresso do estado inicial de coisas, e não haveria nenhuma escapatória a não ser continuar em frente ao crescimento livre, porém sem ser capaz de atingir o objetivo.

Retornando a um dos pontos iniciais, agora nos aparece de modo mais compreensível como podem diversos processos psíquicos operar além do reinado do princípio de prazer, com a restauração do estado anterior de coisas sendo mesmo característica universal das pulsões. Daí parte a necessidade de diferenciação entre função e tendência, sendo o princípio de prazer tido como tendência que opera em favor de uma função, para diminuir a excitação no aparelho psíquico. A noção de função seria mais fundamental, e responderia a essa de retornar à quietude do mundo inorgânico. Freud remete essa questão à quietude pós-ato sexual, na “*petite mort*”, que tem uma boa explicitação numa citação do “Eu e o Id”:

A expulsão de matérias sexuais no ato sexual corresponde, em certa medida, à separação de soma e plasma germinal. Daí a semelhança entre o estado que segue a plena satisfação sexual e a morte, sendo que nos animais inferiores a morte coincide com o ato da procriação. Tais seres morrem na reprodução, na medida em que, após se excluir Eros mediante a satisfação, o instinto de morte fica livre para levar a cabo suas intenções. Finalmente, como vimos, o Eu facilita para o Id o trabalho de superação, ao sublimar partes da libido para si e seus fins. (FREUD, 2011, p59)

De modo que finalmente temos quanto às pulsões de vida e às pulsões de morte que

Também nos chama a atenção que os instintos de vida tenham bem mais a ver com nossa percepção interna, pois se apresentam perturbando a paz, trazendo tensões cuja eliminação é sentida como prazer, enquanto os instintos de morte parecem realizar seu trabalho discretamente. O princípio do prazer parece mesmo estar a serviço dos instintos de morte; é certo que vigia também os estímulos de fora, avaliados como perigosos pelas duas espécies de instintos, mas sobretudo os aumentos de estímulos a partir de dentro, que chegam a dificultar a tarefa de viver. (FREUD, 2011, p171)

Esboço de uma ontologia:

Por mais que as duas seções prévias pareçam bem distantes entre si, conseguimos notar uma tópica persistente nas duas: a relação da morte e do prazer, e a nostalgia de uma continuidade primeira. Na seção sobre Bataille, podemos ver como essa nostalgia da continuidade é expressa na busca do indivíduo pelas experiências interiores, onde o êxtase do ato erótico proporciona um breve gosto dessa continuidade primordial imanente. Já na seção sobre Freud, o foco se deu sobre o conceito de pulsão de morte, pulsão essa que leva à

Nostalgia da continuidade: erotismo e pulsão da morte em Bataille e Freud

desintegração e é ansiante pelo estado conservativo do qual proveio, no caso, uma continuidade inorgânica.

Vemos assim, que essa nostalgia da continuidade primeira, que é exposta no texto de Bataille, remonta à nostalgia freudiana da quietude do inorgânico, do estado primeiro que precedeu a efusão da vida. A pulsão de morte exercerá o papel, em Freud, de um certo tipo de masoquismo primordial, disruptivo, levando à desintegração do ser já constituído. Porém, as pulsões de vida insurgem para que a vida possa ser conduzida à morte em sua própria imanência, de seu próprio modo.

Em Bataille, o indivíduo também não se joga completamente na imanência da continuidade, ele permanece ainda ligado à sua subjetividade desestruturada no ato erótico, que não permite sua fusão completa ao informe da continuidade efusiva da morte. Ele flerta com e vivencia as experiências interiores, mas sua descontinuidade permanece o preservando para que ele possa ter essas experiências de êxtase de contato com a *petite-mort* por diversas outras vezes. Para ele, “a fusão já é dissolução, porque nela o sujeito se perde e se mantém ao mesmo tempo, num movimento incessante que preserva a contradição entre as forças da vida e as forças da morte.” (MORAES, 2012, p197)

Assim, tanto Freud quanto Bataille conseguem vislumbrar essa ânsia pela morte que a vida apresenta. Ao dizer que “o verdadeiro objetivo da vida é morrer”, Freud nos demonstra que, mesmo na nossa permanência individual, almejamos voltar ao conservativo de nosso estado primordial. Bataille também o faz, ao nos mostrar a estrutura excessiva do ser, com sua fissura ontológica que anseia pela totalidade, pela continuidade efusiva da vida na desestruturação subjetiva que ocorre no ato erótico, flertando com a dissolução da individualidade.

Contudo, para Bataille essa continuidade primeira remete ao ser da totalidade, que aqui aparecerá estritamente como excesso, como transbordamento. Para ele, essa continuidade primeira, pela qual somos obcecados e procuramos em nossas experiências interiores e nas atividades eróticas, é a dos fluxos violentos da natureza, do movimento efusivo que nos excede. Ela se dá num informe, porém num informe que é pura fusão, é exuberância de fluxos orgânicos, que excede e destrói o princípio de individuação, retornando-o à decomposição da morte que é, ao mesmo tempo, a profusão da vida.

Já em Freud, a nostalgia não será por uma continuidade primordial efusiva de matéria e fluxos orgânicos como ocorre para Bataille. Para Freud, a nostalgia será, ao contrário, uma

nostalgia do inorgânico, da quietude que precedeu a vida orgânica e só deixou de ser inerte por interferência exterior. As pulsões agirão pela busca de uma função conservativa de um estado anterior, que para Freud, é o da plena quietude inorgânica que precedia toda vida dinâmica, da nostalgia do inanimado.

Quanto ao informe batailliano, que não foi tratado em nenhuma das seções anteriores, podemos tentar classificá-lo de tal maneira: “o informe não é portanto portador da forma, ele pode igualmente a recalcar e a sufocar. *Portanto ele é habitado por uma exigência de movimento que o impede de perdurar ao idêntico.*” (MIJOLLA-MELLOR, 2005, p10). Assim, teríamos como a decomposição do cadáver, do indivíduo que perde seu caráter descontínuo e se entrega à continuidade, é um retorno ao informe. Informe seria o que precede o princípio de individuação, e o sucede após as experiências que deterioram a estrutura da subjetividade. Portanto, poderíamos compreender que seria do informe que se tem nostalgia, tanto na ação da pulsão de morte como no êxtase da experiência interior, correspondendo à continuidade primitiva.

Essa questão do informe batailliano e da relação dele com uma ontologia presente tanto na obra de Bataille como na de Freud fica clara na passagem em que Georges Didi-Huberman analisará a relação da figura humana com o excesso e a falta, como dois momentos de um mesmo processo, sob a égide do excesso. “*Entre l’excès et le défaut s’instaure donc un contact virtuel mais puissant, quelque chose qui impose une ressemblance obscure, une ressemblance cruelle de l’extrême ‘tête de vie’ à l’extrême ‘tête de mort’.* Un tel contact tient évidemment à ce qu’on pourrait nommer, en termes d’ontologie bataillienne autant que freudienne, un travail de la mort, qui mine toute ‘Figure humaine’: un travail par lequel, de toute façon, le temps fera tomber la visage de chacun.” (DIDI-HUBERMAN, 1995, p109)⁸

Contudo, ao mesmo tempo, pensando a partir da nossa subjetividade estruturada no primado da racionalidade e no desejo da duração do ser descontínuo, o que se tem é um “pavor do informe, daquilo que abole todas as categorias, isto é, da homogeneidade absoluta da morte” (MORAES, 2012, p213). Concomitantemente ao desejarmos a continuidade primordial, informe, queremos permanecer na nossa individualidade, na ordem da duração das

⁸“Entre o excesso e a falta se instaura então um contato virtual mas potente, qualquer coisa que impõe uma semelhança obscura, uma semelhança cruel do extremo ‘tête de vie’ ao extremo ‘tête de mort’. Um tal contato é evidentemente devido ao que poderia ser chamado, em termos de ontologia tanto batailliana quanto freudiana um trabalho da morte, que mina toda Figura humana: um trabalho pelo qual, de toda maneira, o tempo fará declinar a face da cada um.”

coisas e do tempo. “*Voilà donc, pour la ‘Figure humaine’, le risque majeur et inéluctable : que sa propre ‘nature’ la fasse ‘mourir et pourrir’, la réduise en chose, en chose informe (informe parce que chose, précisément)*” (DIDI-HUBERMAN, 1995, p97)⁹

Mas, tanto em Bataille como em Freud, podemos observar que “toda vida encerra um centro informe” (MORAES, 2012, p219), que nos é evidenciado nesses movimentos que nos ultrapassam em direção à continuidade, ao informe primordial que precede qualquer princípio de individuação e escapa à nossa estruturação subjetiva. O movimento do informe também é entendido no sentido de que “*on comprend alors que l’informe procede aussi, et peut-être surtout, d’une mise en mouvement de notre propre désir de regarder face à face ce qui décompose la – notre – ‘Figure humaine’. Une mise en mouvement de notre désir de regarder en face, au moins accidentellement, et dans une proximité si forte qu’elle confine au toucher, notre propre deuil de la ‘Figure humaine’.*” (DIDI-HUBERMAN, 1995, p164)¹⁰

Podemos observar que o que movimentará o ser em ambas as concepções será essa movimentação energética que perpassa os corpos, em Bataille o excesso que é próprio da existência e constitui a fissura ontológica característica dos seres, que são sempre insuficientes e buscam a comunicação profunda com os outros seres, em busca da continuidade imanente primordial. Já em Freud, o ser será organizado pela energética das pulsões, com a dinâmica do dualismo pulsional, onde a pulsão de vida engendrará a ligação e a perpetuação do ser na ordem da conservação da vida, enquanto a pulsão de morte representará essa força disruptiva que busca o retorno a uma ordem anterior das coisas, ao estado inanimado representado pela quietude da vida inorgânica, que perdeu sua característica estática não por vontade própria, mas por ser obrigada por mudanças externas.

A questão da fusão estará presente tanto em Bataille como em Freud, embora na obra batailleana ela esteja mais detalhadamente explícita. Um exemplo da fusão no texto freudiano aparece na sua retomada da narrativa platônica do Banquete, onde entendemos que “assim como, no mundo orgânico e animal, os impulsos sexuais impelem machos e fêmeas para a fusão da cópula, exigência pulsional do anseio de refundição das metades originalmente unidas, de modo análogo, no mundo inorgânico, as partículas de matéria se atraem

⁹“Assim, para a Figura humana, o risco maior e inevitável: que sua própria natureza a faça ‘morrer e apodrecer’, a reduza à coisa, em coisa informe (informe porque coisa, precisamente).”

¹⁰“Nós compreendemos então que o informe procede também, e talvez sobretudo, de uma colocada em movimento de nosso próprio desejo de enfrentar face a face o que decompõe a – nossa – Figura humana. Uma colocada em movimento de nosso desejo de encarar, ao menos acidentalmente, e numa proximidade tão forte que faz fronteira com o toque, nosso próprio luto da Figura humana.”

gravitacionalmente em direção a um estado central indiferenciado e originário de fusão.” (GIACOIA, 2008, p91).

A teoria das pulsões, que será a base da metapsicologia freudiana, é aqui então compreendida como uma fundamentação ontológica, visto que vislumbraremos um parentesco da metapsicologia com a metafísica, demandando então uma ontologia própria da psicanálise. Quanto a essa relação, que é proposta também por Oswaldo Giacoia Junior, ele diz que

são próprias da ontologia, como campo de estudo filosófico do ser e parte geral da metafísica, não dedicada à investigação de objetos particulares, questões típicas que, formuladas de modo simplificado, seriam concernentes aos elementos, ou entidades fundamentais, de que seriam formadas todas as coisas e processos existentes. (GIACOIA, 2008, p22)

Assim, a psicanálise deveria também supor uma ontologia para si, que pensaria o estrato basal do ser a partir das pulsões.

De tal maneira, podemos vislumbrar uma ontologia que permeia a metapsicologia freudiana e a concepção do ser a partir excesso que subjaz a obra de Bataille, ambas compreendidas em suas características disruptivas - pulsão e excesso -. Um certo tipo de caráter negativo poderia ser apreendido dessas visões ontológicas, presente também na tópica da fusão, pela incapacidade da apreensão satisfatória pela racionalidade.

A metapsicologia, que precisou recorrer a uma base consistente da ontologia, acabou por realizar uma ressignificação de elementos da filosofia de Schopenhauer (densamente lido por Freud), contudo utilizando a teoria das pulsões como substrato, enfatizando o fato de que para Schopenhauer, o impulso sexual, e de autoconservação, manifesta a vontade de viver, mas o resultado na realidade é a morte, objetivo primordial da vida. Assim, uma negatividade pode ser vista na concepção de pulsão, onde “toda pulsão pode ser caracterizada, então, como uma espécie de *elasticidade orgânica* ou um modo de manifestação da força inercial inerente à vida orgânica.” (GIACOIA, 2008, p62)

Finalizando, espera-se que a afinidade entre a pulsão de morte e o erotismo, e consequentemente entre a nostalgia da continuidade tenha ficado esboçada nesse artigo. A perda do eu – que busca a continuidade primordial - que se dá nos momentos de êxtase, no sacrifício e na atividade erótica, na obra de Bataille se mostraram intimamente relacionados à a nostalgia da continuidade em Freud. O informe ainda seria centro de ambas as nostalgias da

continuidade primeva, mesmo sendo a nostalgia batailleana do orgânico, e a freudiana do inorgânico.

Bibliografia

BATAILLE, Georges. *L'expérience intérieure*. Paris: Gallimard, 1954.

_____. *O Erotismo*. Porto Alegre: L&PM, 1987.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *La ressemblance informe ou le gai savoir visuel selon Georges Bataille*. Paris : Macula, 1995.

FREUD, Sigmund. *Obras Completas – vol. 14*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. (ebook).

_____. *Obras Completas – vol. 16*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

GIACOIA, Oswaldo. *Além do princípio do prazer: Um dualismo incontornável*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

MIJOLLA-MELLOR, Sophie de. *De l'informe à l'archaïque*. [Online]. 2005. <http://www.cairn.info/revue-recherches-en-psychanalyse-2005-1-page-7.htm>. acesso 03/11/13.

MITCHELL, A; WINFREE, J. *The Obsessions of Georges Bataille: Community and communication*. New York: Suny Press, 2009.

MORAES, E. *O corpo impossível*. São Paulo: Iluminuras, 2012.